



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### DE QUEM É A VOZ DO BRASIL? UM OLHAR SOBRE O PAPEL DAS COMUNICADORAS NEGRAS NAS PRODUÇÕES MIDIÁTICAS A PARTIR DO MAPA DA MÍDIA NEGRA BRASILEIRA (MMNB)

Júlia Chaves Nascimento; [juliachaves.digital@gmail.com](mailto:juliachaves.digital@gmail.com)  
Dra Dione Oliveira Moura e Valmir Teixeira de Araújo (Orientadores e Coautores)

#### RESUMO

Este trabalho investiga o papel das mulheres negras na liderança e construção de narrativas na mídia negra brasileira, com foco no enfrentamento ao racismo estrutural e sexismo. A pesquisa realiza um estudo exploratório a partir dos dados da versão piloto do Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB), desenvolvida como resultado do Projeto Cartas para o Amanhã, da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), fundamentando-se nas epistemologias do feminismo negro e no conceito de Amefricanidade. Metodologicamente, o trabalho utilizou levantamento bibliográfico e análise de conteúdo temática de 88 iniciativas de comunicação mapeadas. Os resultados quantitativos demonstram um expressivo protagonismo feminino: 39,5% das iniciativas foram fundadas exclusivamente por mulheres negras, superando as fundadas por homens (cerca de 25%). Ao considerar co-fundações, o total de iniciativas com participação ativa de mulheres atinge 48,9% do mapeamento. Geograficamente, observou-se uma concentração no Sudeste (59%) e Nordeste (25%), com destaque para a Bahia. O trabalho revela que essas comunicadoras reconfiguram o campo midiático e como elas adotam modelos de gestão horizontais e narrativas de reparação para transcender a lógica racista e sexista da grande mídia, atuando como produtoras de saber e resistência simbólica. Concluindo então que mulheres negras são os principais agentes de transformação e as vozes centrais da comunicação antirracista contemporânea no Brasil.

#### PALAVRAS-CHAVE

Mulheres negras. Comunicação antirracista. Mídia negra. MMNB.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



## 1. INTRODUÇÃO

Com o surgimento das redes sociais na década de 1990 e, sobretudo, com o fortalecimento dos movimentos negros desde a segunda metade dos anos 1970, canais de comunicação comprometidos com a luta racial foram criados, multiplicados e ampliados. Nesse contexto se fortalece a mídia negra, que por ser feita por comunicadores negros, se torna instrumento político e discursivo, bem como estratégia de resistência pela igualdade racial (Araújo, 2021), rompendo com a imparcialidade e neutralidade e assumindo narrativas de enfrentamento ao racismo.

Em estudos anteriores (Moura; Figueiredo; Nunes, 2014), levantou-se a hipótese de que as redes sociais poderiam reduzir o esquecimento e a invisibilidade das comunidades negra, indígena e de outras populações minorizadas.

Após os resultados apresentados em 2014, a pesquisa avançou ao examinar se, de fato, as mídias sociais atuam como instrumentos de enfrentamento ao esquecimento coletivo (Moura; Costa, 2018; Moura, 2019) e qual o protagonismo das mulheres negras comunicadoras nesse cenário (Teixeira, 2021), bem como em investigações sobre a imprensa negra.

Compondo essa linha de investigação, surge o “Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB)”, construído em 2024 com participação coletiva entre professores e estudantes de graduação participantes do projeto “Cartas para o Amanhã”, vinculado a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). Ainda em sua versão piloto, o Mapa surge como um dispositivo de identificação de iniciativas de mídia que articulam raça, território e comunicação no Brasil, incluindo informações sobre ano de criação, localização, gênero de fundadores/as e formatos de atuação.

Com os dados apresentados no relato da primeira etapa da pesquisa, é possível afirmar que o MMNB constrói uma cartografia da presença negra na comunicação



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



brasileira. É um espaço de reforço da sistematização que vai além da coleta de dados, é um mapa que evidencia trajetórias, permitindo compreender onde e como a comunicação negra tem se consolidado no país.

O caráter político do mapeamento também se expressa no modo como ele reafirma a comunicação negra como prática de Amefricanidade, conceito proposto por Lélia Gonzalez em 1988 para nomear as experiências culturais e epistemológicas afro-latino-americanas. Ao organizar e nomear essas produções, o MMNB reinscreve as mídias negras dentro de uma tradição de resistência cultural e intelectual, destacando sua contribuição para a reconfiguração das estruturas comunicacionais do país. Assim, mapear é também reescrever a história da mídia brasileira sob uma nova ótica, em que as vozes negras não são exceções, mas protagonistas. Lélia Gonzalez em A categoria político-cultural de amefricanidade apresenta essa perspectiva onde as tecnologias ancestrais são o norte:

“Já na época escravista, ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão se encontra nos quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages e maroon societies, espriadas pleas mais diferentes paragens de todo continente (Larkin Nascimento, 1981)(...). Reconhecê-la [à Amefricanidade] é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: americanos” (GONZALEZ, 1988, p.79)

A importância desse tipo de levantamento está em que ele rompe com a dispersão que marcou historicamente o campo da mídia negra. Ao visibilizar as experiências já existentes, o mapeamento confere legitimidade e oferece um panorama de densidade, demonstrando que a comunicação negra é estruturante para compreender o ecossistema midiático brasileiro. O MMNB, nesse sentido, transforma



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



o reconhecimento individual de iniciativas em uma narrativa coletiva de resistência e criação.

A fim de contribuir com a hipótese de que mulheres negras ocupem o novo quadro de vozes da mídia negra brasileira, o presente trabalho busca identificar, através dos dados do Mapeamento, a presença, participação, liderança e construções narrativas feitas por mulheres negras. Embora existam avanços nas pesquisas sobre representações raciais na mídia, há uma lacuna significativa na análise das mídias produzidas por mulheres negras, especialmente no contexto das plataformas mapeadas pelo MMNB.

Como afirma Sueli Carneiro, “ainda é preciso enegrecer o feminismo para demarcar o peso da questão racial” (Carneiro, 2003), e essa afirmação se estende à comunicação: é preciso enegrecer e feminilizar o olhar comunicacional. Ao investigar o papel das comunicadoras negras no MMNB, este artigo contribui para visibilizar epistemologias e práticas comunicacionais que resistem ao apagamento histórico e constroem novas formas de existir, narrar e comunicar no Brasil.

Diante do cenário de crescente visibilidade das mídias negras e a problemática da falta de estudos dedicados às formas que mulheres negras estruturam, lideram e ressignificam espaços de comunicação, o presente trabalho tem por objetivo investigar de que modo as mulheres negras, enquanto comunicadoras, produzem saber, memória e resistência a partir das iniciativas mapeadas pelo Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB).

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa se consolidou em um estudo exploratório fundamentado na análise de conteúdo temática de Bardin (2011), examinando 88 iniciativas do MMNB lideradas por mulheres entre 2020 e 2024. Este percurso metodológico articulou a



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



coleta de dados a um referencial teórico que cruza o feminismo negro de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Carla Akotirene com os estudos de comunicação e mídia negra de Muniz Sodré, Midiã Noelle, Deivisson Faustino e Rosane Borges. A investigação permitiu interpretar como as práticas narrativas e os valores simbólicos dessas mídias operam como estratégias de resistência e produção de saber.

Ao dialogar com a perspectiva de Patricia Hill Collins, o trabalho reconhece a experiência vivida dessas comunicadoras como fonte legítima de conhecimento e poder. Dessa forma, o mapeamento transcende a sistematização de dados para se tornar uma cartografia de epistemologias próprias, que utilizam as tecnologias de comunicação para enfrentar o apagamento histórico e reconfigurar o ecossistema midiático brasileiro sob a ótica da Amefricanidade.

### **3. A MÍDIA NEGRA NO BRASIL: HISTÓRIA, CONCEITO E FUNÇÃO POLÍTICA**

A trajetória comunicacional negra no Brasil carrega mais de 190 anos de registros formais, especialmente quando observamos o que a historiografia chama de imprensa negra. Para Dione Moura e Valmir Araújo (2025), a imprensa negra diz respeito, de maneira específica, aos jornais, revistas, panfletos e outros materiais impressos produzidos em formato jornalístico e centrados na perspectiva negra desde o século XIX. Esses impressos foram fundamentais para estruturar um debate público crítico sobre a escravidão, o racismo e as desigualdades sociais, além de constituírem um espaço de formação política e de reivindicação de direitos.

A mídia negra, por sua vez, é um conceito mais amplo. Ela abrange não apenas a imprensa negra, mas também as múltiplas linguagens, formatos e plataformas utilizados por comunicadores e comunicadoras negras na contemporaneidade. Segundo Moura e Araújo (2025), a mídia negra é um instrumento político e discursivo que opera como estratégia de resistência cultural e de enfrentamento ao



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



racismo. Essa mídia funciona como território simbólico, onde são construídas narrativas coletivas, afetivas e comprometidas com a valorização das culturas negras. Ao ultrapassar o impresso, a mídia negra inclui produções audiovisuais, radiofônicas, digitais, comunitárias e várias outras, e amplia a capacidade de tensionar narrativas dominantes e reivindicar espaços de visibilidade.

Dentro dessa perspectiva ampliada, a história da imprensa negra aparece como parte constitutiva da história da mídia negra. O primeiro periódico brasileiro voltado à temática racial, “O Homem de Côr”, criado por Francisco de Paula Brito em 1833, e publicações posteriores como “O Abolicionista”, editado em 1880 pela Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, expressam os fundamentos dessa longa tradição. Esses impressos foram decisivos na luta contra a escravidão e na disseminação de ideias abolicionistas entre a opinião pública e a classe política brasileira. Eles também inauguraram uma prática comunicacional que denunciava o silenciamento histórico da população negra e propunha formas de contranarrativa, aspecto que se mantém como eixo central da mídia negra contemporânea.

Compreender a diferença entre imprensa negra e mídia negra permite reconhecer que a primeira constitui o início registrado de uma atuação comunicacional de autoria negra, enquanto a segunda abarca tanto essa herança histórica quanto outras formas de produção simbólica que se inscrevem no projeto político-cultural de resistência da amefricanidade formulada por Lélia Gonzalez. Dessa maneira, a imprensa negra compõe o alicerce histórico sobre o qual se ergue a mídia negra como campo mais amplo de disputa política, narrativa e cultural no Brasil.

Para Lélia Gonzalez, além das articulações envolvidas na prática das produções desses periódicos, aqui se deu um movimento importante da comunicação para combater narrativas racistas que impactaram a vida de milhares de brasileiros diariamente – a comunicação antirracista.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Entende-se por comunicação antirracista, a partir de Moura (2014), uma prática jornalística comprometida com o enfrentamento das desigualdades raciais e com a transformação social por meio de narrativas que denunciam e combatem o racismo estrutural no Brasil. Para Moura e Araújo (2025), em *Dicionário Brasileiro de Narrativas Midiáticas*, essa forma de comunicação vai além da simples denúncia de atos discriminatórios, pois revisa práticas midiáticas cotidianas e propõe uma nova perspectiva que coloca a justiça racial como interesse público central:

Pensar em uma comunicação antirracista vai além da denúncia pontual de atos discriminatórios. Ela revisa as práticas comunicacionais cotidianas, atenta-se aos estereótipos historicamente atribuídos à população negra e se compromete com uma nova perspectiva: aquela que considera a luta por justiça racial como um elemento central do interesse público, especialmente em um país como o Brasil, formado com base em profundas desigualdades raciais. (ARAÚJO; MOURA, 2025, p.30)

Já na segunda metade dos anos 1970, como aponta Gonzalez (2020), a população negra esteve organizada em uma intervenção política mais direta tanto no Movimento Negro Unificado (MNU), fruto, sobretudo, de setores das classes médias negras, bem como nos movimentos de moradores das favelas e bairros periféricos, onde a presença de mulheres negras, não apenas na criação como na sua direção, foi altamente representativa.

Como afirma Noelle (2025), seja nos movimentos abolicionistas de antigamente ou nos movimentos unificados da atualidade, a comunicação baseada em raça não se mostra necessariamente linear, mas um organismo vivo, que pulsa com o tempo, muda de ritmo, aprende e se refaz. Em uma sociedade que ainda hoje demonstra interesse em apagar a história intelectual negra, sobretudo de mulheres, entender as dinâmicas do passado distante e do passado recente, traz vida para o organismo da comunicação antirracista. Para Mídia Noelle em *Comunicação*



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PONENTE

APOIO



*antirracista: um um guia para se comunicar com todas as pessoas, em todos os lugares, existe uma lógica de cuidado em lidar com o tempo:*

“(…) apenas ao compreendermos o passado é que poderemos introjetar gestos de cuidado, respeito e acolhimento às pessoas negras. Assim, trazer uma perspectiva histórica, ainda que breve, é valioso para o processo de desconstrução de preconceitos, que, na verdade, não são nossos de origem, mas herdadas das subjetividades impostas em nossas famílias, rotinas, convivências, grupos de amigos e outros círculos sociais.” (NOELLE, 2025, p. 51)

Como tecido vivo que muda com o tempo, é possível concordar com a autora e entender as mudanças na mídia negra brasileira como uma colcha de retalhos, que vai sendo construída. Apesar de não faltarem pessoas que exaltem o computador e a internet como “a maior revolução do século”, é importante reconhecer que se trata de uma passagem da comunicação centralizada, vertical e unidirecional, para vários retalhos trazidos pelo avanço técnico das telecomunicações, relativas à interatividade e ao multimídia. Para Muniz Sodré, “revolução não é conceito que se reduza ao da mudança pura e simples, uma vez que seu horizonte teológico acena eticopoliticamente com uma nova justiça.” (Sodré, 2002, p.12)

Honrando a comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais, que tem como base o desenvolvimento local por diversas distribuições inclusive a oral e musical, como aponta Peruzzo (2022), entenderemos os computadores e a internet não como revolução, mas como uma grande mudança no fenômeno da estocagem e da rápida transmissão de dados, que acelerou historicamente a circulação das coisas no mundo. Como afirma Sodré (2002), se antes a “Revolução Industrial” era centrada na mobilidade espacial, a “Revolução da Informação” é centrada em uma anulação do espaço pelo tempo no ambiente virtual, gerando novos canais de distribuição.

Com a comunicação saindo de linear para tecnológica nos anos 1980, surgiram diversos avanços políticos e culturais vindos da internet e das redes sociais para o movimento ciberativista antirracista, feminista e anticapitalista. O que para Sodré



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



(2002) e Faustino e Lippold (2023), se deu pelo vigor e a abrangência do agenciamento dessas ideias no plano de cultura de massas.

Basicamente, a imprensa negra e a mídia negra são ferramentas que acompanham as transformações históricas e tecnológicas brasileiras. Para Araújo e Oliveira (2025), esses veículos rompem com os pressupostos de neutralidade e imparcialidade ao assumirem uma postura declarada de enfrentamento ao racismo e todas as formas de discriminação. Dos Boletins Sediciosos da Revolta de Búzios a publicações contemporâneas como o Quilombo e o Irohin, Noelle (2025) destaca que a comunicação baseada em raça tem sido fundamental tanto na articulação da luta antirracista quanto na construção do que é ser negro no Brasil.

A estrutura midiática brasileira como um todo foi consolidada a partir de um esquema de funcionamento que se apoia no racismo naturalizado, historicamente percebido como algo sutil ou até mesmo inexistente no cotidiano. Essa sutileza, no entanto, é parte do próprio mecanismo de violência, pois opera pela normalização de ausências, silenciamentos e representações distorcidas que moldaram o imaginário social sobre a população negra. Como destaca Carla Akotirene (2025), a mídia hegemônica não apenas reproduziu esse racismo estrutural, mas o organizou de modo a torná-lo uma lente dominante de compreensão da realidade, reforçando desigualdades e limitando o acesso de pessoas negras à produção, circulação e validação de narrativas. Ao longo do tempo, esse modelo consolidou um ecossistema comunicacional que privilegia perspectivas brancas como universais e trata as experiências negras como marginais ou excepcionais, evidenciando que o racismo não é uma falha do sistema midiático, mas parte central de seu projeto histórico.

Além das reproduções de padrões estéticos, linguísticos e culturais eurocêntricos como universais, a comunicação hegemônica ajudou a construir a narrativa de significar e ensinar o que é e como se tratar pessoas negras, que como afirma Akotirene (2025), é o que organiza práticas de sociabilidade no Brasil. O que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



se relaciona totalmente com as consequências da escravização e dos vários esquemas de hierarquização, como por exemplo as diferenças culturais, socioemocionais e socioeconômicas entre escravizados, libertos e nascidos livres. E nesse sentido Akotirene destaca:

Ora, uma vez estigmatizada pelo jornalismo, a identidade negra acaba recebendo sentenças antes das ritualísticas processuais. Ademais, em todas as vezes que o direito ao contraditório não aparece nas notícias, o racismo prevalece como fonte oficial." (AKOTIRENE, 2025, p. 11)

Assim, a comunicação antirracista surge como uma prática e um projeto político que busca romper com essa lógica. Almeida (2024) destaca que a prática se dá em seguir reconhecendo que a produção e a circulação de sentidos também são atravessadas por relações de poder. Ser antirracista na comunicação implica repensar não apenas o conteúdo, mas as condições de quem produz, quem pauta e quem é representado. É um compromisso ético e epistemológico de incomodar as estruturas de invisibilização e de afirmar outras narrativas possíveis sobre a população negra.

A comunicação antirracista também se insere em uma tradição de comunicação contra-hegemônica, isto é, de práticas midiáticas que se constroem frente à hegemonia dos grandes meios comunicacionais. Enquanto a mídia tradicional tende a reforçar hierarquias sociais e representar sem responsabilidade determinados grupos, as experiências contra-hegemônicas propõem a descentralização das vozes e a multiplicidade de olhares. Para Midiã Noelle (2025), a mídia negra, nesse sentido, nasce do enfrentamento à representação distorcida ou ausente da população negra na mídia hegemônica e atua na criação de um espaço simbólico em que as pessoas negras possam se ver, se reconhecer e se narrar. Produzir comunicação negra é disputar o direito à palavra e ao enquadramento das próprias histórias e narrativas.

Essa disputa é também uma forma de produção e afirmação de memória. A construção midiática de coletivos e veículos de mídia negra são, ao mesmo tempo,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



uma afirmação de existência e um gesto de preservação da história. Essa memória, por sua vez, não se limita ao passado: ela cresce no presente, ensina e projeta futuros possíveis, reforçando a ideia da poesia de Nêgo Bispo, escrita durante um evento no Conjunto de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro: “Nós somos o começo, o meio e o começo” (Bispo, 2018).

Além de produzir memória, a mídia negra se constrói como um espaço de construção de pertencimento racial. Ela oferece referenciais positivos de identidade, visibiliza saberes e práticas afrobrasileiras e fortalece vínculos comunitários. A comunicação, nesse contexto, deixa de ser apenas um instrumento técnico e passa a ser uma forma de organização social e afetiva, ou como destaca Sodré (2006), de “estratégias sensíveis”. Essa dimensão se aproxima das experiências de comunica o comunitária, nas quais o diálogo, a horizontalidade e o engajamento local são princípios fundamentais. A média negra, em especial protagonizada por mulheres negras, periféricas e quilombolas, têm ampliado essa perspectiva, articulando comunica o, território e coletividade como eixos unidos e essenciais.

Pensando nas disputas narrativas no século XXI, que são marcadas pelo embate imagético, a constru o de “espelhos deformados” (Almeida, 2024) fazem parte da naturaliza o de opressões ideológicas que historicamente relegaram o corpo negro a lugares de subalternidade e invisibilidade, conforme discutido por Frantz Fanon e bell hooks. Frente ao racismo midiático estruturado na nega o e no silenciamento (Sodré, 1998), as comunicadoras negras utilizam a média como ferramenta de enfrentamento e reconfigura o  tica e est tica. Esse processo   fundamentado na interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e Carla Akotirene, que evidencia como o racismo e o sexismo se articulam de forma indissociável, exigindo o que Sueli Carneiro define como a necessidade de “enegrecer o feminismo” para romper com as lógicas universais eurocêtricas e garantir o protagonismo de mulheres negras na produ o de sentido.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



A atuação dessas mulheres na comunicação brasileira não é um fenômeno isolado, mas herdeira de uma tradição de resistência que remonta a figuras como Maria Firmina dos Reis e coletivos como o NZinga e Geledés, articulando-se à perspectiva de Amefricanidade de Lélia Gonzalez. Ao reivindicarem seu lugar de fala (Ribeiro, 2017), essas intelectuais e comunicadoras confrontam o apagamento histórico e transformam a experiência vivida em fonte legítima de conhecimento (Collins, 2019). Assim, as mídias produzidas por mulheres negras operam em uma dimensão dupla: na disputa pelo imaginário e na consolidação de novas epistemologias políticas e éticas, transformando o campo comunicacional em um projeto de reconstrução do mundo e de preservação da memória coletiva.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB) se constitui como um esforço fundamental de sistematização e validação de um campo historicamente subalternizado, funcionando como uma metodologia de reconhecimento acadêmico-ativista que contrapõe o apagamento da participação negra na comunicação. Em sua versão piloto de 2024, o inventário identifica e caracteriza 88 iniciativas diversas, revelando um ecossistema que é, simultaneamente, consolidado e estrategicamente distribuído. A análise quantitativa demonstra a longevidade do campo, que abrange desde veículos históricos como O Menelick (1915) até um expressivo pico de fundações entre 2015 e 2019, evidenciando uma constante revitalização e adaptação às novas tecnologias e necessidades sociais para o enfrentamento das desigualdades raciais.

Geograficamente, os dados revelam uma concentração significativa no Sudeste (59%), refletindo o adensamento de capital econômico e cultural, mas também destacam a força do Nordeste (25%), liderado pela Bahia, o que desafia narrativas centralizadoras e reforça a importância dos polos regionais. O mapeamento detalha



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



treze indicadores essenciais, incluindo segmento de atuação, localização e gênero das lideranças, evidenciando uma diversidade temática que equilibra o jornalismo informativo com o ativismo de coletivos e ONGs. Esse cenário demonstra que a mídia negra brasileira opera como um agente de mobilização social e política, apropriando-se de plataformas audiovisuais e digitais para a disputa narrativa, com um avanço qualitativo recente que insere de forma mais evidente os debates de gênero nas pautas e na formação das equipes.

O Mapa por si só constrói legitimação acadêmica e jornalística. Ao catalogar e nomear 88 iniciativas, ele confere legitimidade a iniciativas que muitas vezes foram marginalizadas pela grande mídia. Ao documentar o trabalho dessas iniciativas, o Mapa também se transforma em ferramenta de luta para indivíduos acadêmicos que falam a partir das margens e que têm conseguido criar novos imaginários e novas condições para a insurgência de suas vozes. (Almeida, 2024)

A lógica de novos imaginários também se mostra presente da reafirmação identitária para o empoderamento negro. Na análise geral das palavras encontradas nos títulos do MMNB, observa-se o predomínio de termos relacionados à resistência negra, com destaque para a palavra “Preta”, a mais recorrente entre os títulos. Foram construídas categorias para qualificar essa observação. A primeira delas se refere à identidade étnico-racial, com 36 palavras, entre as quais se destacam “preta”, “negras” e “negro”. Outra categoria identificada foi a de perfil de comunicação, composta por 19 palavras, como “coletivo”, “canal” e “portal”. Por fim, a categoria de gênero se destacou pela presença da palavra “Mulheres” em três ocorrências.





25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



A análise também considerou as palavras presentes nas audiodescrições das mídias negras, organizadas em categorias apresentadas na Figura 1. Nessa etapa, a categoria de identidade étnico-racial permaneceu em destaque, com 128 palavras, sendo “Preta” a mais recorrente, aparecendo 40 vezes. Para aprofundar essa leitura, foi criada uma nova categoria relacionada ao papel social da mídia, com 173 ocorrências, destacando-se os termos “Cultura” e “Pessoas”, ambos com 28 menções. A categoria de perfil de comunicação apresentou 125 palavras, com destaque para “Agência” (11 vezes) e “Audiovisual” (10 vezes). Por fim, a categoria de identidade incluiu a palavra “Mulheres” em 21 ocorrências, uma das mais citadas na análise.

A categorização dessas palavras permite observar que, além do reconhecimento da identidade étnico-racial, que dialoga com o que Gonzalez (1998) define como estratégias de resistência cultural, há um destaque significativo para o papel social da mídia. Nesse sentido, os termos identificados se relacionam com o conceito de amefricanidade, entendido por Gonzalez (1998, p. 79) como uma dinâmica cultural de transformação. É importante ressaltar também a presença do gênero feminino, visível tanto na recorrência da palavra “Mulheres” quanto em outros termos associados à identidade racial, como “Negra” e “Negras”, o que reforça o protagonismo das mulheres negras nas pautas raciais.

Confirmando a hipótese da grande participação de mulheres na fundação e produção da mídia negra brasileira, a questão de gênero se consolida no MMNB. Os dados parciais da versão piloto do MMNB indicam uma participação expressiva das mulheres na mídia negra, correspondendo a 40,2%, enquanto os homens representam 26,7%. Esses números reforçam as hipóteses apresentadas por estudos anteriores, que destacam o papel das comunicadoras negras nas mídias sociais e a relevância dessas plataformas na redução do esquecimento coletivo (Moura, Figueiredo e Nunes, 2014; Moura e Costa, 2018).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Os casos em que o gênero não foi informado somam cerca de 18,8%, e os que envolvem ambos os gêneros totalizam 14%. Observa-se que a presença ativa das mulheres ao longo da história tem sido marcada por desempenhos significativos em papéis de liderança, especialmente em movimentos sociais e na luta por direitos civis. Desde o período da abolição e pós-abolição recente da escravidão até as mobilizações mais atuais, essa trajetória confirma a importância das mulheres negras como agentes fundamentais na comunicação e na transformação social.

Um dos dados mais notáveis do Mapeamento é o protagonismo feminino na fundação das iniciativas. A análise de perfil de gênero aponta que a maioria das organizações foi fundada ou co-fundada por mulheres.

O Mapeamento revela que 31 iniciativas foram fundadas exclusivamente por mulheres negras, superando as 22 iniciativas fundadas por homens. Adicionando às 12 iniciativas fundadas por "Ambos" (co-fundação), o total de iniciativas que tiveram a participação ativa de mulheres negras na sua criação atinge a marca de 43. Isso significa que mais da metade (cerca de 48.9%) das iniciativas mapeadas foi iniciada por mulheres negras ou teve sua participação.

A versão piloto do Mapa da Mídia Negra Brasileira (MMNB) representa um marco importante para a compreensão da presença e do protagonismo de pessoas negras na comunicação. No entanto, ao mesmo tempo que celebra conquistas, o mapeamento também convida a uma reflexão crítica sobre as desigualdades internas que atravessam o próprio campo da mídia negra. Essa análise é fundamental para que se avance não apenas em visibilidade, mas também em equidade dentro das dinâmicas de poder e de produção de narrativas.

Um dos pontos que emergem dessa reflexão diz respeito à centralização de recursos. Apesar da expressiva participação de mulheres negras na fundação de veículos e iniciativas, é necessário compreender até que ponto esse protagonismo se converte em posições de comando e na gestão efetiva de recursos financeiros,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



especialmente nas mídias com maior alcance e estrutura. A diferença entre criar e dirigir pode revelar assimetrias sutis que perpetuam hierarquias de gênero e poder, mesmo em espaços que se propõem a romper com essas lógicas.

Outro aspecto relevante é a visibilidade das classes e dos territórios. A concentração de sedes e iniciativas no eixo Sudeste, em especial em São Paulo e no Rio de Janeiro, pode ofuscar experiências de comunicação negra desenvolvidas em regiões menos capitalizadas ou em contextos rurais. Essa centralização territorial reflete desigualdades históricas de acesso à infraestrutura, tecnologia e financiamento, o que influencia diretamente na projeção das pautas e nas condições de sustentabilidade das mídias periféricas e comunitárias. O Mapa, nesse sentido, oferece não apenas um diagnóstico, mas um convite à autocrítica: quem tem sido ouvido dentro da própria mídia negra? E quem ainda precisa ser amplificado?

Diante desses desafios, torna-se importante a continuidade e o aprofundamento do mapeamento. É fundamental que as próximas versões do MMNB incorporem de forma mais ampla as experiências de comunicação popular, comunitária e independente em todo o Brasil, que historicamente têm atuado como espaços de resistência, formação e produção de saber. Esses projetos, muitas vezes sustentados pela coletividade e pela criatividade, são pilares de uma comunicação comprometida com o território e com a transformação social. Ampliar o olhar do Mapa para essas iniciativas significa reconhecer a pluralidade de vozes que compõem o ecossistema da mídia negra.

A consolidação de uma mídia negra protagonizada por vozes femininas reflete a necessidade histórica de mulheres negras criarem espaços próprios de expressão diante da invisibilização em outros movimentos sociais. Atualmente, o circuito digital, composto por blogs, redes sociais e portais, permite que essas comunicadoras compartilhem vivências e denunciem o racismo e o sexismo, utilizando ferramentas que, apesar das desigualdades tecnológicas acirradas pela pandemia, democratizam a



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



produção de conteúdos. Conforme Ribeiro (2017), essas narrativas fortalecem outras mulheres no reconhecimento de suas histórias, transformando meios de comunicação em instrumentos de mobilização, ruptura e resistência política.

Diferente de uma representatividade meramente imagética, as mídias mapeadas no MMNB ocupam a lógica de representar lutas políticas e o compromisso antirracista interseccional. Como elucidada Angélica de Almeida (2024), a visualidade virtual só se transforma em visibilidade transformadora quando há consciência das estruturas sociais e compromisso com uma agenda política coletiva. Os dados do MMNB confirmam essa tendência: com uma participação expressiva de 40,2% de mulheres frente a 26,7% de homens, os números reforçam o papel das comunicadoras na redução do esquecimento coletivo (Moura; Figueiredo; Nunes, 2014) e na construção de um midiativismo de reparação.

Essa construção comunicacional é profundamente alicerçada em laços comunitários e periféricos. Enquanto o MNU se articulava em esferas universitárias, Lélia Gonzalez (2020) destaca que as mulheres negras se organizaram nas bases populares. Essa coletividade, fundamental para a sobrevivência negra, gera estratégias de partilha sensível que produzem uma educação antirracista e antissexista. Wanderson Flor (2024) reforça que a desarticulação de laços comunitários é uma estratégia política e epistêmica de dominação; logo, as redes tecidas por essas mulheres funcionam como um projeto de reconstrução de um mundo comum contra o isolamento individualista neoliberal.

Por fim, ressalta-se que, por ser uma versão piloto, o MMNB é um organismo vivo que demanda atualizações constantes para aprofundar a análise de regiões ainda não identificadas e ampliar a escuta de organizações periféricas. Diante da feminização da pobreza e das mazelas sociais, as mulheres negras assumiram a centralidade das pautas e regimes de visibilidade, construindo novas lógicas de consciência nas últimas décadas. Em uma dança entre as redes e as ruas, as vozes



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



insubmissas das mulheres negras, que representam 28,5% da população brasileira (Agência Brasil, 2024), seguem protagonizando e gritando as vozes da mídia negra no Brasil.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. Espaços de poder na trama do virtual e a visibilidade de mulheres negras. In: **Tecendo redes antirracistas III: entre resistências e emancipações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

ARAÚJO, Valmir Teixeira. **O que é imprensa negra? Diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estud.av [online], Vol. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2004.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo, SP: Boitempo, 2023

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). São Paulo: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

